

# PARÓQUIA DO ESTORIL



FOLHA  
INFORMATIVA  
Nº478  
ANO XIV

**16 a 22**

**junho  
2024**



**EVANGELHO**

EVANGELHO SEGUNDO S. MARCOS 4, 26-34

Naquele tempo, disse Jesus à multidão: «O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga. E quando o trigo o permite, logo se mete a foice, porque já chegou o tempo da colheita». Jesus dizia ainda: «A que havemos de comparar o reino de Deus? Em que parábola o havemos de apresentar? É como um grão de

mostarda, que, ao ser semeado na terra, é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra». Jesus pregava-lhes a palavra de Deus com muitas parábolas como estas, conforme eram capazes de entender. E não lhes falava senão em parábolas; mas, em particular, tudo explicava aos seus discípulos.

LEITURA I: EZ 17,  
22-24

SALMO 91 (92),  
2-3.13-14.15-16  
REFRÃO: É BOM  
LOUVAR-VOS,  
SENHOR

LEITURA II:  
2COR 5, 6-10

**“ELE NUNCA NUNCA DEIXARÁ DE ACOMPANHAR OS SEUS FILHOS”**

A liturgia do 11.º Domingo do Tempo Comum fala-nos de esperança. Lembra-nos que Deus é o Senhor da História e garante-nos que Ele nunca deixará de acompanhar os seus filhos na sua peregrinação pela terra. Ele só tem um objetivo: conduzir-nos ao encontro da Vida plena e definitiva, da felicidade sem fim. No Evangelho, Jesus compara o Reino de Deus com uma pequena

semente, de aparência insignificante, mas capaz de mudar a paisagem do mundo. Ela cresce sem se fazer notada, sem dar nas vistas, sem publicidade, mas tem em si o dinamismo de Deus, um dinamismo capaz de fazer nascer um mundo novo. Esse Reino que Jesus, por mandato do Pai nos veio propor, é um presente de Deus para os seus filhos.



**COMENTÁRIO**

*in Secretariado  
Nacional de  
Liturgia*

## O EVANGELHO POR DENTRO

### *Uma parábola semeada (Mc 4, 26-34)*

Entrei esta manhã no Evangelho e Jesus estava a ensinar a multidão. Encontrei um lugar livre, sem me conseguir aproximar muito, mas o suficiente para O ouvir. Ia contando parábolas, uma depois da outra, sobre campos, sementes e semeadores. Há minha volta havia olhares interessados, pensativos, alguns sorrisos, olhos fechados de quem imagina a parábola. Fechei também os meus. Vi a semente lançada à terra, vi-a coberta de terra e humedecida pela rega e pela chuva, senti-a aquecida pelo sol e vi o primeiro rebento sair da semente e da terra e espigar-se em direção ao sol. Vi a espiga madura e dei graças a Deus pela vida que nasce tão frágil e se desenvolve, bela e cheia de encanto. A seguir, porém, senti algo frio, uma folha de metal, fina e cortante, uma foice que se erguia e se encostava ao trigo, porque a espiga estava pronta. Sustive a respiração. Terminariam por aqui as maravilhas do Altíssimo? Guiado pelas palavras de Jesus, senti que podia confiar e entregar a espiga à foice do ceifeiro. Num golpe, ela cai no chão. Aos olhos dos homens, perdeu a vida, mas na verdade ela entrou no Reino, recolhida no abraço do ceifeiro.

### ***Santo António***

#### **O Santo do povo:**

Quando António morre no dia 13 de junho de 1231, parte para o Céu com uma fama de santidade que lhe é granjeada pela enorme popularidade que é conseguida pela pregação e pela entrega total a todos aqueles que se sentem desalentados. As biografias do Santo, que tanto é de Lisboa como de Pádua, descrevem eventos milagrosos que ocorreram durante a vida de António e que, verdade ou lenda, acabam por aumentar a fé do povo. Um deles é o milagre dos «Doze Ladrões», homens que se misturaram com a multidão de ouvintes de um dos sermões,

para roubarem o que pudessem e que acabaram por se irem confessar ao Santo. Segundo a lenda, alguns dos que se arrependeram abandonaram a vida de pecado. António foi particularmente sensível ao desalento dos muitos que foram afetados pela usura, porque as leis em vigor na região de Pádua abriam as portas aos mais desonestos que cobravam juros proibitivos a quem necessitasse de pedir dinheiro emprestado. Na altura, os devedores eram duplamente injustiçados porque, para além de não serem capazes de pagar as suas dívidas, devido aos altíssimos juros, eram presos e tinham que renunciar aos bens a favor dos especuladores. Para além dos sermões em que António se insurgia contra todas as formas de comportamento pecaminoso, é o próprio pregador que está na origem da criação das pequenas instituições bancárias destinadas a fazer pequenos empréstimos – os futuros Montepios – sendo também responsável pela mudança da lei para que mais ninguém fosse para à prisão por ser devedor. Santo António ia devolvendo a dignidade ao povo libertando-o da vergonha do cárcere, propondo a mudança de vida pela via do

arrependimento e dirigindo espiritualmente todos aqueles que o procuravam e escutavam. Perante este quadro de total entrega pela parte de António, o povo de Pádua retribuía com grande carinho, afeto e admiração. No dia em que António morreu, os frades que o acompanharam nos últimos instantes, tudo fizeram para que a notícia não viesse a público, procurando conter uma previsível precipitação de populares ao mosteiro das clarissas em Arcela ao norte de Pádua. Inexplicavelmente, no momento do falecimento do Santo, as crianças de Pádua dispersam-se pelas ruas da cidade proclamando «Morreu o Pedre Santo! Morreu António!». Em abril de 1263, 35 anos depois da morte, os restos mortais do taumaturgo são examinados antes de serem trasladados da Igreja de Santa Maria para a Basílica de Santo António, tendo-se verificado que a língua se encontrava incorrupta, sinal de que graças aos seus sermões, Deus reconheceu os méritos de Santo António. (continua ...)

### **O Santo das festas:**

O solstício de verão ocorre durante o mês de junho. Neste mesmo mês também se assinala o dia morte de

Santo António (13) e o dia do nascimento de São João Batista (24). A partir da data do solstício, o sol põe-se cada dia mais cedo e onde havia luz passa a haver trevas. As trevas são símbolo de tudo o que é negativo, caótico e maléfico, forças que repugnam a natureza humana que tem origem na ordem, no belo e no luminoso criado por Deus e anunciado pelos Santos. Para combater a escuridão, o povo ilumina as ruas e as praças com as fogueiras e com os tradicionais balões que se hão de elevar aos céus como portadores de mensagens para Deus. Os namorados, de mãos dadas, saltam por cima do lume que arde no chão, purificando o seu amor e expiando os pecados num gesto de encarnação da fé. As festividades dos santos populares constituem uma saudável combinação de sagrado e de profano. Os festejos profanos, justificados pela crença num santo, agregam o povo sobretudo nos lugares em que tal acontece cada vez menos, que são as cidades. A veneração dos santos leva-nos a lembrar as suas virtudes em vida e a querer copiá-las, e também lembra que a comunidade daqueles que alcançaram a santidade já vive em comunhão com Deus. Os biógrafos não têm dúvidas em lhe reconhecer as enormes qualidades de teólogo e de conhecedor da Sagrada Escritura, mas quem põe o Livro e o Menino Jesus nos braços de Santo António, de onde nunca mais saíram, é o povo que diz à sua maneira que o Doutor da Igreja olha com carinho para as crianças e com amor para a Palavra. Santo António cedo se torna o protetor da cidade de Lisboa – padroeiro é pelouro de São Vicente – e tempos houve em que na tarde do dia do taumaturgo se realizava uma procissão que atravessava toda a Baixa e, na qual se podiam ouvir músicos e ver bailarinas com arcos e danças carnavalescas. A tradição dos manjericos e os cravos começa numa época em que a realeza, dotada de menos posses para distribuir flores e doçarias, opta por bens mais acessíveis. Os bairros lisboetas também privatizam os festejos, organizando cada um o seu arraial, construindo os altares ou tronos para o Santo com a ajuda das crianças que iam pedindo «um tostãozinho para o Santo António». Mais uma vez as crianças a percorrem as ruas da cidade e a anunciarem o nome do Santo. O sagrado e o profano são caminhos que se podem interlaçar se houver procura da perfeição e se passar pelo amor a Deus e pelo amor ao próximo.

Manuel Moreira

**H** HORÁRIOS

**HORÁRIO GERAL PARÓQUIA**

ACOLHIMENTO E CARTÓRIO

2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> – 10h > 12h / 16h > 18h  
SAB – 10h > 11h

**CONFISSÕES**

IGREJA DE STO. ANTÓNIO

2<sup>a</sup> a SÁB – 10h > 11h

IGREJA SRA. BOA NOVA

2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> – 18h30 > 19h

**ADORAÇÃO EUCARÍSTICA**

5<sup>a</sup> – 10h > 12h (com Laudes)

**MISSAS**

**DOMINGO**

IGREJA DE STO. ANTÓNIO - 8h, 13h,

18h

IGREJA SRA. BOA NOVA - 10h, 11h30,

19h15

**SÁBADO**

IGREJA DE STO. ANTÓNIO - 9h30

IGREJA SRA. BOA NOVA - 19h

(vespertina)

**SEG A SEX**

IGREJA DE STO. ANTÓNIO - 9h30

IGREJA SRA. BOA NOVA - 19h

**CPE** ◀◀

CONSIGNAÇÃO 0,5% DO SEU IRS AO CPE  
LEVA-NOS MAIS LONGE



O Centro Paroquial do Estoril serve, diariamente, a comunidade do Estoril desde 1982.

Ajude a dar continuidade a este trabalho que existe há 42 anos.

Na declaração do IRS, ao preencher o quadro 11, do modelo 3, com o NIF do Centro Paroquial

do Estoril – 501646825, está a doar 0,5% do valor que paga de IRS.

Um gesto simples, rápido, sem perda de benefícios ou custos para si.

E uma grande ajuda na

vida das pessoas e famílias que procuram apoio no CPE todos os dias.

Ajude a levar o CPE mais longe.

**Donativos**

IBAN: PT50.0018.0003.5402.5275.0200.6

SWIFT/BIC: TOTAPTPL

MBWAY: 910719323

**Contactos**

21 4680342

paroquia.estoril@gmail.com

paroquiadoestoril.com